

V - ANÁLISE DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

1 - SIGNIFICÂNCIA DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

As Unidades de Conservação no território nacional foram estabelecidas visando à proteção e conservação desses espaços territoriais e seus recursos ambientais que tenham características naturais relevantes. A Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000 (Lei do SNUC), consolidou essas prerrogativas, estabelecendo critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

Os objetivos principais dos Parques Estaduais são a conservação e pesquisa dos elementos naturais (flora, fauna, etc) aliados às práticas de atividades de lazer e educação ambiental, geralmente tendo como elemento central áreas de significativa beleza cênica. No Estado do Paraná, os Parques fazem parte do cotidiano da população há diversas décadas, como bem atestam as áreas delimitadas para conservação, por abrigarem monumentos naturais que sempre atraíram o turismo para o Estado, a exemplo do Parque Estadual de Vila Velha e o Parque Nacional do Iguaçu, dentre outros.

O Parque Estadual do Rio Guarani foi estabelecido sob esta categoria de manejo em função da presença, em seu contexto, de séries de espécies vegetais de significativa importância em conservação e beleza, espécies essas já bastante raras na região sudoeste do Paraná, a exemplo da peroba e do pau-marfim, dentre outros. Alia-se a estas condições a presença local de grande diversidade de aves, muitas das quais constantemente procuradas para as atividades do tipo Observação de Aves. No conjunto, esses atrativos prestam-se perfeitamente bem ao desenvolvimento de atividades educativas e de lazer para a comunidade regional e para os visitantes interessados em conhecer a flora e a fauna sul brasileira.

1.1 - ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL DO RIO GUARANI

O Parque Estadual do Rio Guarani apresenta bom estado de conservação considerando a inter-relação de seus aspectos físicos: boa distribuição de chuvas ao longo do ano e presença de nitossolos com características químicas excelentes (alta fertilidade e reduzida acidez naturais) e físicas (elevada profundidade efetiva). Os locais identificados como vulneráveis, do ponto de vista físico, relacionam-se à porção noroeste do Parque, caracterizada por relevo montanhoso, encostas ravinadas e presença de solos rasos (neossolos litólicos). Essas condições propiciam acentuada vulnerabilidade no compartimento geomorfológico citado, favorecendo a instalação de processos de escorregamentos naturais, e potencializadas pela ação antrópica. A vegetação ali existente, entretanto, desempenha a função de proteção do solo contra os processos erosivos ocorrentes de forma natural ou induzida, assumindo papel fundamental no equilíbrio ambiental dessa paisagem.

1.2 - LOCAIS RELEVANTES PARA CONSERVAÇÃO

O Parque Estadual do Rio Guarani representa um bloco contíguo de Floresta Estacional Semidecidual com influência de Floresta Ombrófila Mista, que deve ser preservado praticamente em sua totalidade. Entretanto, há que se destacar quatro áreas extremamente importantes para fins de preservação da flora e da fauna locais, a saber:

- Toda a margem do rio Guarani: área em excelente estado de conservação e que apresenta muitas espécies da flora e da fauna locais ameaçadas de extinção, sendo ainda uma área de grande importância também para a interatividade entre a flora e a fauna;
- Vale que acompanha a margem do ribeirão Três Barras: área onde ocorrem, em profusão, espécies associadas a aluviões, como o palmito (*Euterpe edulis*), bastante ameaçado na região;
- Área de colinas ao norte do Parque: representa a porção mais bem conservada e de difícil acesso ao Parque, reduto de espécies raras ou ameaçadas de extinção como a peroba e grápia;
- Área na porção oeste do Parque, onde remanescem os poucos exemplares de pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*).

Merece especial atenção também a área florestada situada à sudeste do Parque, às margens do rio Guarani, dada sua conectividade imediata com a unidade.

1.3 - FATORES DE RISCO

- FLORA

Os principais fatores de risco à flora local são, sem sombra de dúvidas, de origem antropogênica. Entre os vetores de ameaça mais evidentes destaca-se o corte de madeira e de palmito nos limites fronteiros do Parque, motivados tanto por vizinhos como pela população da periferia urbana de Três Barras do Paraná. Sabe-se também que as ameaçadas à fauna determinadas por caçadores, que insistem em adentrar no Parque a despeito da fiscalização, se estendem à flora, pois geralmente o ingresso de pessoas clandestinas e estranhas à Unidade de Conservação aumenta os riscos à vegetação autóctone. Isso ocorre obviamente porque tais elementos buscam em áreas naturais como a do Parque extrair outros recursos, sejam madeiráveis ou não, para seu benefício, de forma clandestina e ilegal, sem um juízo das reais consequências ao meio ambiente.

Embora tais ameaças hoje não sejam visivelmente perceptíveis em um nível acentuado de preocupação, há que se promover ações de vigilância no sentido de impedir a entrada ilegal de pessoas nos limites do Parque para que a flora local esteja efetivamente protegida contra a extração de produtos madeiráveis e não madeiráveis da floresta bem como incêndios e outros danos induzidos pela ação antrópica. Incêndios, que podem ocorrer no entorno do Parque por descuido ou de modo intencional, seguramente são um grande fator de risco à flora local, pois a Unidade de Conservação é cercada por áreas ocupadas por agropecuária e também por reflorestamentos. As situações mais preocupantes estão obviamente nas porções mais afastadas do leito do rio Guarani, nas partes norte, leste e sul, haja vista a existência de áreas antropizadas em contato direto com a Unidade de Conservação, sem barreiras naturais que possam atenuar eventuais danos.

- FAUNA

Além dos efeitos indiretos que os fatores de risco à flora imprimem à fauna do PERG, outros fatores podem afetar a mesma, como se seguem:

- INCÊNDIOS FLORESTAIS

Os incêndios são causa de constantes ameaças aos recursos naturais de qualquer área florestal. Desta forma, deve haver uma preocupação mais intensa com a prevenção e o controle de incêndios, principalmente florestais, uma vez que estes representam uma forte ameaça ao seu patrimônio natural, notadamente à sua fauna, que poderá ser comprometida gravemente. De um modo geral, os incêndios estão associados à presença humana com fator indutor, o qual deve estar associado às condições básicas para a sua instalação, tais como: material combustível em abundância (serrapilheira) e condições climáticas favoráveis à sua propagação, como temperatura, umidade relativa do ar e ventos.

- ISOLAMENTO DE POPULAÇÕES

Levando-se em consideração que grande parte das espécies levantadas têm necessidade de extensas áreas remanescentes para se deslocarem durante períodos reprodutivos e que as espécies mais raras tendem a ter números reduzidos de indivíduos em suas populações, o primeiro e principal fator de risco às espécies do Parque, reside no isolamento da área. Em situações em que Unidades de Conservação são entremeadas por outros remanescentes originais de vegetação, muitas espécies podem subsistir pelo estabelecimento de metapopulações, onde pequenas populações restritas a pequenos remanescentes interagem com outras através de processos de migração entre as áreas, garantindo assim a manutenção da permuta gênica e, conseqüentemente, das populações (*e.g.*, HOLT, 1993). No caso da região do Parque Estadual do Rio Guarani, alguns outros fragmentos aparentemente expressivos aparecem em distâncias curtas a médias (tais como as reservas nas proximidades do lago da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago e na foz do rio Chopim), mas não se sabe ainda se os processos de dispersão das espécies permitem o cruzamento entre os indivíduos localizados nessas diferentes regiões ou, muito menos, com aqueles presentes no Parque Nacional do Iguaçu, distante cerca de 40 km a jusante pelo vale do rio Iguaçu. A falta de conhecimento nessas questões pode levar a decisões equivocadas quanto ao manejo de certas espécies e, conseqüentemente, ao seu comprometimento.

A área do PERG não é suficiente para a conservação de muitas espécies de vertebrados (em especial mamíferos), especialmente aquelas que possuem áreas de vida maior, como é o caso dos Carnívora. Há necessidade de proteger todo o entorno e demais fragmentos isolados que certamente são utilizados. Algumas áreas já estão destinadas a serem Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), prática que deve ser incentivada em toda região, uma vez que na bacia do rio Iguaçu ainda existem fragmentos de vegetação original, que mesmo alterados fornecem área para a manutenção da fauna.

- CAÇA E CAPTURA DE ANIMAIS SILVESTRES

No PERG, um dos fatores de risco mais sérios para a fauna de médio e grande porte são as atividades de caça. A área é ainda muito procurada para esta prática ilegal, e para agravar conta muitas vezes com a conivência de algumas autoridades da região. Os mamíferos ungulados e aves das famílias Cracidae e Tinamidae estão entre os grupos mais afetados, sendo a anta *Tapirus terrestris*, o queixada *Tayassu pecari*, o cateto *Pecari tajacu*, os veados *Mazama* spp., o jacu *Penelope obscura* e o macuco *Tinamus solitarius* as espécies mais procuradas. Entre os roedores a maior pressão é sobre a população de paca *Agouti paca* e capivara *Hydrochaeris hydrochaeris*. Os tatus e alguns répteis também sofrem intensa pressão de caça, especialmente o tatu-galinha *Dasybus novemcinctus*, o lagarto ou teiú *Tupinambis merianae* e, nos rios Guarani e Iguaçu, o jacaré-de-papo-amarelo *Caiman latirostris*.

Outro tipo diferenciado de caça refere-se àquelas espécies que não são utilizadas na alimentação, como muitos felinos (*Leopardus* spp., *Puma concolor*, *Herpailurus yaguarondi*) e os canídeos. Os primeiros pelo valor da pele e também por atacarem criações domésticas (galinhas, bezerras) em pequenas propriedades, o mesmo podendo ocorrer para o cachorro-do-mato *Cerdocyon thous*. Há ainda a crença do uso medicinal e afrodisíaco de espécies. Neste caso, algumas das espécies utilizadas são os veados *Mazama* spp., capivara *Hydrochaeris hydrochaeris*, bugio *Alouatta fusca*, tatu *Dasybus* sp., entre outras.

Por fim, outro fator de risco à fauna diz respeito à captura de indivíduos de certas espécies presentes no Parque para seu uso como “animais de estimação”. As espécies mais perseguidas para esse uso são aves canoras e os psitacídeos em geral, o macaco-prego (*Cebus apella*) e, conforme atestado por ocasião do desenvolvimento do EIA/RIMA da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias, pequenos mamíferos carnívoros como gatos-do-mato (*Leopardus* spp. e *Herpailurus yaguarondi*) e quatis (*Nasua nasua*).

- FRAGMENTAÇÃO E PERDA DE HABITATS

A área do PERG e seu entorno sofreu inúmeros efeitos deletérios ao longo do período de colonização regional. Além do próprio processo de ocupação do solo, pelo qual a região passou nos últimos cinquenta anos, com conseqüente isolamento da área, o perímetro atualmente bastante recortado do Parque é um fator que tende a aumentar os efeitos de borda e, conseqüentemente, limitar os processos de deslocamento dos animais silvestres dentro da área e facilitar ações daninhas como o fogo. Além disso, o enchimento do reservatório da U. H. Salto Caxias cobriu o único ambiente conhecido, no Estado do Paraná, para o anfíbio *Limnomedusa macroglossa*, espécie indicadora de ambientes ripários com alto volume de água corrente. Por fim, a fragmentação de habitats também pode ser observada pela presença da rede de transmissão elétrica que atravessa o Parque, a qual demanda um freqüente corte raso da vegetação e, por conseguinte, dificulta o deslocamento das espécies florestais entre os fragmentos presentes em cada lado da mesma. Além de diminuir a variabilidade gênica entre as populações, não são ainda eficientemente conhecidos os efeitos decorrentes da emissão de pulsos eletromagnéticos de redes dessa magnitude, fator que pode também gerar perturbações em certos aspectos biológicos da fauna, tais como processos reprodutivos e de deslocamento de organismos orientados por ecos, tais como morcegos.

Outro grave fator de risco às populações de animais silvestres do PERG refere-se à degradação que importantes áreas do entorno desta Unidade de Conservação vem sofrendo, como por exemplo, a área da Fazenda Rio das Cobras, que originalmente possuía 83.000 ha sendo 40.000 ha cobertos de florestas nativas do ecótono entre a Floresta Estacional Semidecidual e a Floresta Ombrófila Mista, situada na margem direita do rio Iguaçu. Em abril de 1996 a área da fazenda foi invadida por integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e teve 26.252 ha de floresta nativa desapropriada para o assentamento de reforma agrária (MARGARIDO, 2001). Segundo a autora, depois disso ainda houve outras invasões e processos de degradação como desmatamentos, queimadas e caça. A pressão de caça maior foi sobre as antas, catetos, queixadas e veados. De acordo com o estudo de MARGARIDO (2001), que pretendia avaliar uma possível situação de explosão populacional de queixadas em uma imensa e privilegiada formação florestal (antes da invasão havia mais de 1.000 queixadas), ironicamente testemunhou-se a extinção local dessa mesma população em menos de três anos.

- PRESENÇA DE ESPÉCIES INVASORAS E DOMÉSTICAS NA ÁREA DO PERG

Durante os trabalhos desenvolvidos por ocasião dos programas ambientais da U. H. Salto Caxias (referendados ao longo do texto) e do presente Plano de Manejo, foram constatadas a presença de alguns animais exóticos na área do Parque e em seu entorno. Dentre os animais domésticos que freqüentemente adentram a área, destacam-se principalmente gatos, cachorros e, com menos freqüência e de maneira acidental, galináceos, porcos, cavalos e gado. Todos esses animais são daninhos à estabilidade da fauna local, tanto pela predação que podem imprimir às espécies nativas quanto pela competição por habitats e alimentos ou, de maneira mais incisiva, pela disseminação de zoonoses.

Dentre espécies introduzidas não domésticas, foi constatada a presença, nas áreas de entorno do Parque, da rã-touro-norte-americana, espécie exótica comumente criada em ranários. BERNARDE & MACHADO (2001 “2000”) já haviam registrado essa espécie para o açude dentro dos limites do Parque. Apesar de nenhum estudo indicar o real efeito da introdução dessa espécie em ambientes naturais brasileiros, vários efeitos deletérios da introdução dessa espécie em ambientes naturais de outras regiões são conhecidos (BURY & WHELAN, 1985).

Outras espécies introduzidas na área são o pardal (*Passer domesticus*), já amplamente disseminado na região Neotropical, mas constituindo um importante competidor com as espécies nativas de aves, e a abelha africanizada (*Apis mellifera*), possivelmente competidora com abelhas indígenas locais, ainda comuns na área do Parque.

Entre os mamíferos exóticos, por fim, estão os roedores *Mus musculus*, *Rattus rattus* e *Rattus norvegicus* e o lagomorfo *Lepus europaeus*, a lebre européia, todos animais que podem ser competidores ou disseminadores de zoonoses à fauna nativa. Na área do parque, contudo, não foram verificadas solturas de animais silvestres da fauna nativa (sagüis, macaco-prego, felinos) como é comum em algumas áreas florestais.

- COMPROMETIMENTO DOS RECURSOS HÍDRICOS

Um dos fatores de risco à fauna do PERG é o estado atual de conservação do ribeirão Três Barras que, antes de percorrer um trecho dentro do Parque, passa na sede do município de Três Barras do Paraná, possivelmente sofrendo diversos tipos de contaminação (esgoto, lixo, resíduos tóxicos, etc.). Neste mesmo rio foi realizado o registro da lontra (*Lontra longicaudis*) e de *Chironectes minimus*, um marsupial raro e ameaçado de extinção no Paraná (QUADROS et al, no prelo), demonstrando que este ambiente, mesmo poluído, ainda é importante para muitas espécies. Também fazem uso deste ambiente como área de dessedentação ou de vida diversas outras espécies já raras, tais como a anta, a lontra, a paca, o mão-pelada, o ratão-do-banhado, a capivara, ratos-d'água, cágados, algumas serpentes e aves aquáticas e diversos invertebrados. Levando-se em consideração que este último grupo de organismos constitui uma importante base da cadeia trófica local e apresenta espécies bastante frágeis, perturbações do ribeirão e demais cursos d'água do entorno da Unidade estão entre as situações mais indesejáveis e com maior urgência de controle.

1.4 - PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

A condição fundamental para a preservação e gerenciamento do patrimônio arqueológico é o levantamento sistemático dos sítios, com localização detalhada. Essa atividade não implica em interferência física sobre o mesmo, mas tem por objetivo básico a sua proteção. A centralização de produção e divulgação do conhecimento sobre a pré-história da região no município, reforça o compromisso com a preservação. Recomenda-se também o retorno à comunidade do material produzido, a ser aproveitado de diferentes maneiras, em projetos pedagógicos e museológicos. Há a necessidade de que os vestígios arqueológicos sejam valorizados como patrimônio municipal, forma fundamental para sua preservação, além de proporcionar sua utilização em programas educativos e turísticos, conforme interesses e linguagens locais.

Deve-se incentivar a comunidade à participação, através de ações educativas nas escolas, palestras e exposições, dando-lhe conhecimento de seu patrimônio. Todo trabalho de pesquisa deve incluir uma comunicação dos resultados (ainda que parciais) dirigida ao público leigo, e deixar à disposição do município cópias do material documental produzido (fichas de registro, desenhos, fotografias, etc.). É interessante conciliar visitação turística aos trabalhos de campo realizados por arqueólogos e, se possível, realizar a musealização "in situ".

1.5 - POTENCIAL PARA VISITAÇÃO

1.5.1 - PRINCIPAIS ATRATIVOS NATURAIS E POTENCIAIS

Os principais atrativos do Parque são sua fauna e flora, e o próprio rio Guarani, que dá nome ao Parque. De grande beleza cênica, mas de difícil acesso, o rio Guarani margeia a porção ocidental do Parque. Pode-se dizer que todas as espécies da fauna e flora preservadas são atrativas e seu grau de interesse ao visitante irá depender, fortemente, do trabalho do guia

e dos monitores na orientação das visitas. O guia deve saber decodificar a linguagem científica para uma linguagem leiga e popular, tornando a visita interessante, valorizando a espécie de forma curiosa e agradável e incitando a maiores conhecimentos sobre o Parque.

As modalidades de recreação ou ecoturismo possíveis de serem exploradas no Parque são:

- Caminhada em trilha para observação da fauna e flora;
- Observação de aves (*birdwatching*); e,
- Fotografia da Natureza.

- CAMINHADA EM TRILHA PARA OBSERVAÇÃO DA FAUNA E FLORA

Atualmente, existe no PERG apenas uma trilha linear - chamada trilha do rio Guarani - que se inicia a poucos metros da atual sede administrativa e que se prolonga até alcançar o rio Guarani (6.300 metros). Esta trilha serve às atividades de administração, patrulhamento e fiscalização da unidade e às atividades de pesquisa. O maior obstáculo que a trilha apresenta, hoje, é o crescimento da vegetação, dificultando a caminhada e onde podem se esconder animais peçonhentos. Assim sendo, na trilha, o uso de botas é de extrema importância. A abertura da trilha à visitação pública nos trechos iniciais é recomendável, conforme descrito nos programas de manejo do uso público. Esta abertura poderá, ainda, auxiliar no controle da fiscalização do parque pelos próprios visitantes e pelos monitores.

- OBSERVAÇÃO DE AVES

Na presente avaliação, foram identificados cerca de 250 espécies de aves no Parque Estadual do Rio Guarani, algumas raras. A observação de aves (ou “*birdwatching*”) poderia ser praticada na trilha já existente, ou nas outras trilhas que serão abertas, de modo que a visualização desses animais fosse facilitada.

A Observação de Aves é geralmente praticado por grupos de todas as idades que aperfeiçoam suas habilidades em localizar e identificar as diferentes espécies de animais nos respectivos habitats, observando seus comportamentos.

- FOTOGRAFIA DA NATUREZA

A Fotografia da Natureza poderia ser praticada a pé, pela trilha já existente ou em outras a serem abertas. Esta modalidade do ecoturismo tem, como objetivo, fotografar o ambiente natural, a flora, os rios, os pássaros e animais em geral. Pode ser feita por fotógrafos amadores ou profissionais, em pequenos grupos ou individualmente.

1.5.3 - FATORES LIMITANTES PARA A VISITAÇÃO

Em 1998, a Prefeitura de Três Barras do Paraná pesquisou a opinião da população sobre o turismo no município, por solicitação do Programa Pró-Caxias/SEBRAE-PR. (O momento

da pesquisa foi anterior ao alagamento do reservatório da hidrelétrica de Salto Caxias). A pesquisa apresentou os seguintes resultados: cerca de 95,4% da população mostrou-se insatisfeita com o turismo no município, seja pelas poucas opções, pelo pouco incentivo e pela falta de investimentos no setor. Apenas com a formação do reservatório de Salto Caxias, o lago passou a se constituir num atrativo regional, mas, notadamente, para lazer e entretenimento familiar. Dentre as opções de turismo no município de Três Barras do Paraná, 5 delas são atrativos naturais:

- O rio Guarani;
- A cachoeira do rio Três Barras ou Mazuco;
- A cachoeira do Macuco;
- A Barra Bonita; e,
- O lago da represa de Salto Caxias.

O rio Guarani situa-se na divisa com Quedas do Iguaçu e permeia o Parque. A cachoeira do rio Três Barras é uma cascata com cerca de 7 metros de altura e 2 metros de largura, com pouco fluxo de água. O acesso e a visualização do local são dificultados devido à mata fechada. Localiza-se a 10 minutos do centro de Três Barras do Paraná. A Cachoeira do Macuco é um conjunto de 4 a 5 quedas de água (dependendo do regime de chuvas) de aproximadamente 4 metros de altura e 10 metros de largura. Localiza-se em propriedade particular, é muito usada por banhistas e dista cerca de 12 km do centro da cidade, sendo que 10 km pela rodovia de Barra Bonita - pavimentada - mais 2 km por estrada de terra. A Barra Bonita, situada a 24 km do centro da cidade, é uma praia artificial com ancoradouro formada pelo lago da represa. Na área lindeira, existe uma ilha e morro com quiosques, banheiros e churrasqueiras.

O lago da represa de Salto Caxias localiza-se a 24 km do centro da cidade pela estrada de Barra Bonita. Com água límpida, vegetação de mata nativa e campos de pastagens circundando, sua largura varia de 400 a 2.000 metros.

- O PROJETO PRÓ-CAXIAS: TURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O Projeto de Desenvolvimento Integrado dos Municípios do entorno do reservatório da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias (Projeto PRÓ-CAXIAS), coordenado pela COPEL e pelo SEBRAE, foi criado para promover o desenvolvimento socioeconômico auto-sustentado no conjunto dos municípios abrangidos pela usina. Dentre o plano de desenvolvimento da região consta o turismo, objetivando a geração de emprego e renda, aumento da arrecadação de impostos, valorizando a cultura e o meio ambiente. Ainda que sem estudos sobre a demanda turística nos municípios, o Projeto PRÓ-CAXIAS afirma que o potencial turístico da região é bom. Possui como maior atrativo o lago formado pelo represamento do rio Iguaçu da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias. Outros atrativos são: o lago da hidrelétrica de Salto Osório, os

Saltos do rio Chopim e do rio Cotegipe, o Salto Osório e Júlio de Mesquita Filho, assim como o Parque Estadual do Rio Guarani. Dos municípios inseridos no projeto¹, a cidade que melhor infra-estrutura apresenta para receber visitantes é Quedas do Iguaçu.

Os programas de turismo do Projeto PRÓ-CAXIAS estão sendo desenvolvidos em consonância com o Projeto Vale do Iguaçu, proposto pela ECOPARANÁ. O Projeto Vale do Iguaçu consiste num roteiro turístico, tendo como atrativos todos os lagos formados por usinas hidrelétricas ao longo do rio Iguaçu. A utilização das margens de rios e dos lagos para o turismo no Vale do Iguaçu deverão seguir a normatização dada pelo Plano Diretor para Uso de Reservatórios e seu entorno (COPEL - IAP).

Apesar do entusiasmo do Projeto PRÓ-CAXIAS no desenvolvimento do turismo, estudos feitos pela Secretaria de Turismo do Paraná verificaram que a agricultura é a vocação natural da região e que, portanto, o turismo deveria ser considerado como uma atividade complementar. Não obstante, a Secretaria aponta que o turismo de interior relacionado com a água (náutica, pesca e banho), o turismo de eventos e o turismo rural poderiam ser incentivados na região. O potencial para o ecoturismo foi considerado pequeno, mas poderia ser explorado como atividade complementar ao turismo rural. A atividade agropecuária, desenvolvida de maneira intensiva em toda a região, em décadas passadas, promoveu a retirada da mata original e o plantio de monoculturas e pastagens em seu lugar. As áreas naturais remanescentes estão em Quedas do Iguaçu e Três Barras do Paraná tendo o Parque Estadual do rio Guarani como uma das reservas florestais mais importantes.

A inserção turística do PERG no Projeto PRÓ-CAXIAS pressupõe a participação do IAP e do chefe desta UC nos debates, seminários e conselhos de turismo regional. A interação institucional com a COPEL, SEBRAE, prefeitura de Três Barras, ECOPARANÁ e Secretaria de Estado de Turismo também se faz necessária dentro de um marco pretendido de integração turística regional.

2 - ANÁLISE ESTRATÉGICA DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

Como área apropriada à conservação de espécimens da flora e da fauna - em especial daquelas espécies associadas à Floresta Estacional Semidecidual, vegetação dominante local - o Parque Estadual do Rio Guarani compreende um dos últimos remanescentes desse tipo de vegetação sendo, depois do Parque Nacional do Iguaçu, o parque de maiores dimensões do sudoeste paranaense. Este fato isoladamente já denota a significância da área tanto sob o ponto de vista conservacionista quanto sob o científico, prestando-se a área, desde sua delimitação, ao desenvolvimento de séries de estudos sobre a flora e a fauna regionais, estudos esses que foram na totalidade utilizados para o desenvolvimento deste Plano de Manejo. Contudo, no que diz respeito à conservação das espécies mais raras e que demandam grandes extensões territoriais (a exemplo de grandes felinos e aves de rapina, por exemplo), a

¹ Capitão Leônidas Marques, Boa Vista da Aparecida, Nova Prata do Iguaçu, Três Barras do Paraná, Salto do Lontra, Boa Esperança do Iguaçu, Cruzeiro do Sul, Quedas do Iguaçu, São Jorge do Oeste.

área do Parque por si só mostra-se como insuficiente, carecendo de ampliação e ligações florestadas com demais áreas próximas (em especial com o Parque Nacional do Iguaçu) para fins de estabelecimento de contatos entre os indivíduos e as populações animais e vegetais, o que garantiria assim a permuta gênica entre as populações. Mesmo espécies ainda comuns na área do Parque poderão futuramente necessitar do estabelecimento dos “corredores” de vegetação, uma vez que os processos reprodutivos dentro da área do Parque poderão, ao longo de algumas gerações, sofrerem efeitos deletérios intensos pela alta taxa de endocruzamentos, fator que pode levar algumas espécies à extinção localizada. Desta maneira, merece atenção urgente o estabelecimento de tais corredores (previstos no projeto “Rede da Biodiversidade” do Governo do Estado do Paraná), os quais poderão ter no Parque Estadual do Rio Guarani uma de suas principais áreas de suporte na região sudoeste do Estado.

Como área criada na forma de medida compensatória pela formação do reservatório da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias, por fim, observa-se que a área do Parque abrange a quase totalidade das espécies encontradas na região de influência do reservatório, contudo com algumas poucas exceções no que tange a espécies animais e vegetais de hábitos ripários que desapareceram localmente em função do reservatório. Como exemplos principais de espécies não contempladas pela área do Parque, citam-se as bromélias-de-solo do gênero *Dickia* (atualmente encontradas apenas às margens do rio Guarani a montante do Parque), o lagarto-das-rochas *Tropidurus torquatus*, o cágado-do-Iguaçu *Phrynops williamsi*, a rã-das-pedras *Limnomedusa macroglossa* e a cuíca-lanosa *Caluromys lanatus*, esta última de ocorrência provável para a área do Parque (dados seus hábitos florestais), mas ainda não confirmada para o mesmo.

Quanto aos recursos hídricos, a maior relevância encontra-se no ribeirão Três Barras, principal curso d’água a atravessar a unidade e certamente o mais relevante como fonte de dessedentação para a fauna. O ribeirão Três Barras, que tem suas nascentes no município homônimo, pode encontrar-se francamente em processo de poluição pelos esgotos trazidos da cidade e das comunidades que vivem em suas margens a montante do Parque. A existência de uma estrutura de saneamento básico do município tem relação direta com a manutenção do equilíbrio ambiental da UC, uma vez que ambos estão contidos em uma mesma bacia hidrográfica. Outros fatores, como a criação de suínos, aves e a pecuária de corte e leiteira no entorno imediato da unidade de conservação (propriedades vizinhas) também são fatores indutores de poluição, podendo comprometer a qualidade hídrica e a fauna/flora presente no Parque Estadual. Nesse contexto, as bacias do ribeirão Três Barras e do Guarani deverão ser monitoradas ao longo do tempo, na região do PERG, através de análises sistemáticas e sazonais (período seco e chuvoso) para que medidas preventivas sejam tomadas, quando se constate que a qualidade das águas esteja piorando no decorrer do tempo.

Com relação aos aspectos socioeconômicos, desde a criação do Parque Estadual do Rio Guarani, as preocupações da população do entorno estão concentradas nas “ameaças” representadas pela eminente exigência do cumprimento da lei e nas demandas mal resolvidas com o Estado e/ou municípios, legítimas ou não. Não houve ainda, uma convivência muito grande da população com a UC, particularmente devido às restrições de acesso. Antes de uma

abertura do Parque à exploração turística, deveriam ser elaborados programas de familiarização e valorização da unidade à população de Três Barras, através de visitas monitoradas de educação ambiental, utilizando o parque para aulas de campo. Antes do turista, os Três Barrenses deveriam estar preparados e conscientizados sobre a importância desta unidade de conservação sob o ponto de vista da sua biodiversidade, da raridade de espécies que nele vive e do papel que a reserva representa para a região. Com base nesta formação, poder-se-ia promover uma abertura, no futuro, para a exploração ecoturística. A partir daí, um trabalho adicional e específico de conscientização e preparo da comunidade para receber o turista seria premente.

Diante desse quadro, o sucesso deste plano de manejo depende da discussão com a comunidade local, no sentido de apreender as suas aspirações e incorporá-las à proposta, motivando-a a participar como o agente central das transformações que serão experimentadas com o início da implantação deste projeto.

No quadro VI.01 apresenta-se a matriz de análise estratégica elaborada para o Parque Estadual do Rio Guarani, contendo os principais pontos fortes e pontos fracos internos da Unidade, as oportunidades e ameaças externas que cerceam o seu manejo e as correlações existentes entre esses componentes, que resultaram na definição das premissas defensivas e de avanço para a condução do planejamento da UC e que servirão de base para o estabelecimento dos programas de manejo.

Quadro VI.01 - Matriz de Análise Estratégica do Parque Estadual do Rio Guarani

AMBIENTE INTERNO	AMBIENTE EXTERNO	PREMISSAS DEFENSIVAS OU DE RECUPERAÇÃO
FORÇAS RESTRITIVAS		
<p style="text-align: center;">Pontos Fracos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Presença de torres de transmissão de energia 2. Estrada existente em estado precário de conservação 3. Presença de espécies vegetais exóticas (capim africano) 4. Ocorrência de espécies de bambus no sub-bosque dificultando a regeneração de espécies lenhosas 5. Limites secos nas porções noroeste, oeste e sudoeste 6. Áreas degradadas ao sudoeste do Parque 	<p style="text-align: center;">Ameaças</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pressão do entorno (uso desordenado do solo, desmatamento, suinocultura) 2. Risco de incêndios pelo uso de fogo no entorno 3. Invasão de espécies domésticas da fauna e exóticas da flora 4. Caça e captura de animais silvestres 5. Isolamento de populações da fauna 6. Fragmentação e perdas de habitats 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Retirada das torres de transmissão da área do Parque 2. Manutenção e conservação da estrada 3. Monitoramento da qualidade de água do ribeirão Três Barras 4. Retirada de espécies exóticas 5. Manejo de espécies vegetais oportunistas 6. Sensibilização e Conscientização das comunidades do entorno 7. Prevenção e combate ao fogo 8. Recuperação de áreas degradadas 9. Vigilância e Fiscalização intensiva 10. Formação de corredores de biodiversidade 11. Ampliação da área do Parque, com aquisição de remanescentes florestais 12. Aumento do efetivo de Fiscalização 13. Ampliação da capacidade administrativa do Parque.
FORÇAS IMPULSORAS		PREMISSAS OFENSIVAS OU DE AVANÇO
<p style="text-align: center;">Pontos Fortes</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Floresta Estacional Semidecidual com influência de Floresta Ombrófila Mista, bem preservadas 2. Presença de espécies animais e vegetais de relevância para conservação 	<p style="text-align: center;">Oportunidades</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Presença de áreas adjacentes que permitem a formação de corredores de biodiversidade 2. Preocupação governamental declarada em diversos níveis 3. Potencial para visitação e educação ambiental 4. Potencial para pesquisa 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desenvolvimento de atividades educativas e de lazer para a comunidade regional e visitantes 2. Pesquisas sobre a biodiversidade e espécies ameaçadas com vistas ao manejo 3. Formação de convênios com entidades de pesquisa 4. Proposição de parcerias com entidades para proteção do Parque 5. Incentivo à criação de RPPN's